

A unidirecionalidade e o caráter gradual do processo de mudança por gramaticalização

Jussara Abraçado*

Resumo

As pesquisas sobre mudança lingüística, na perspectiva funcionalista, estão, de forma geral, associadas à teoria da gramaticalização. A gramaticalização, por sua vez, costuma ser entendida como um processo de mudança gradual e unidirecional. Entretanto, alguns estudos mais recentes têm posto em questão o caráter gradual e unidirecional da gramaticalização. O propósito deste ensaio, com base em resultados de pesquisa anterior sobre aquisição pela criança de elementos dêiticos de tempo e de espaço, é o de fornecer evidências que reforçam o postulado acerca da unidirecionalidade e do caráter gradual da mudança lingüística por gramaticalização.

Palavras-chave: Mudança lingüística; Gramaticalização; Unidirecionalidade.

De uma forma geral, as pesquisas sobre mudança lingüística na perspectiva funcionalista estão associadas à teoria da gramaticalização. E a gramaticalização, por sua vez, costuma ser entendida como um processo de mudança gradual e unidirecional. Contudo, alguns estudos mais recentes (cf. VOTRE 1999 e 2000; FERREIRA *et al.*, 2000, FERREIRA, 2003; OLIVEIRA, 1997) têm posto em questão o caráter gradual e unidirecional do processo, conforme denunciam as palavras de Ferreira *et al.* (2000):

Há, pelo menos, duas maneiras de se conceber o modo como se dá a polissemia de um elemento lingüístico. Uma delas identifica-se com a teoria da gramaticalização, que propõe a existência de trajetórias unidirecionais de mudança. Essa visão de mudança envolve uma seqüência em que a existência de um valor implica a ocorrência anterior de outro. Uma outra análise pode ser encontrada em Votre (1999), que, a partir de evidências de vários estudos desenvolvidos no interior do grupo Discurso & Gramática, propõe uma revisão da hipótese da unidirecionalidade da mudança semântica e sintática nos processos de gramaticalização. (p. 137)

* Universidade Federal Fluminense.

Nosso propósito neste ensaio, com base em resultados de pesquisa anterior sobre a aquisição pela criança de elementos dêiticos de tempo e de espaço (ABRAÇADO & TEIXEIRA, 2003), é o de fornecer evidências que reforçam o postulado acerca da unidirecionalidade e do caráter gradual da mudança lingüística por gramaticalização. Assim sendo, começamos por situar o tema de nossa discussão na teoria da gramaticalização.

A TEORIA DA GRAMATICALIZAÇÃO

Os primeiros passos em direção ao que hoje constitui a teoria da gramaticalização, segundo Heine *et al.* (1991), aconteceram há muitos séculos atrás: “At the latest, since the tenth century, Chinese writers have been distinguishing between ‘full’ and ‘empty’ linguistic symbols, and Zhou Bo-qi (Yuan dynasty, A.D. 1271-1368) argued that all empty symbols were formerly full symbols” (...) (p. 5).

Estudos posteriores, já no século XVII, foram realizados na França (Condillac, Rousseau) e na Inglaterra (Tooke). No século XIX, foram desenvolvidas pesquisas na Alemanha (Bopp, Schlegel, Humboldt, Gabelenz) e nos Estados Unidos (Whitney).

Conforme observa Neves (1977),

Lehmann (1982) faz remontar ao filósofo francês Etienne Bonnot de Condillac a idéia de que as unidades gramaticais vêm de lexemas e afixos vêm de formas livres. Na sua obra *Essai sur l'origine des connaissances humaines*, de 1746, Condillac explicou as desinências pessoais do verbo pela aglutinação de pronomes pessoais, e afirmou que o tempo verbal vem da coalescência de um advérbio temporal com o tema verbal. Lehmann (1982) refere-se, ainda, a John Horne Tooke, que, numa obra de etimologia (*Epea Pteroenta or The Diversions of Purely*; vol. I: 1786; vol. II: 1805), afirma que as preposições derivam de nomes e verbos. (p. 113-114)

Contudo, como destacado por diversos autores (entre os quais, HEINE *et al.*, 1991b e NEVES, 1977), o primeiro a introduzir o termo *gramaticalização* e defini-lo como a “atribuição de um caráter gramatical a uma palavra anteriormente autônoma” foi Meillet (1912, p. 131). Segundo Meillet, estudos que chegaram à fonte primeira de uma forma gramatical demonstraram: (1) ser tal fonte uma palavra lexical; (2) que a transição é sempre uma espécie de *continuum*.

Trabalhos posteriores a Meillet, enfocando a gramaticalização, surgiram no contexto da lingüística funcionalista americana no século XX, como consta no relato de Martelotta (2003):

A emergência do paradigma da gramaticalização no contexto da lingüística funcionalista americana deu-se a partir dos anos 1970, quando houve um resgate do papel das

transformações diacrônicas nas explicações da sintaxe. O texto motivador foi *The origins of syntax in discourse* (Sankoff e Brown, 1976), que teve eco no ciclo funcional proposto por Givón (1979a), *discurso > sintaxe > morfossintaxe > morfofonêmica > zero*, apoiado em evidências oriundas da aquisição da linguagem, da passagem de *pidgins* para crioulos e dos estudos diacrônicos. (p. 58-59)

Neves (1997), ao discorrer sobre a gramaticalização, referindo-se aos problemas relativos a sua conceituação e delimitação, observa:

É fácil mostrar a existência de palavras funcionais originadas em palavras de conteúdo lexical e que constituem, pois, o que se poderia considerar como instâncias prototípicas da “gramaticalização”. São casos, por exemplo, como os das preposições *durante* e *mediante*, das locuções prepositivas *apesar de*, *a par de*, *a fim de*, *a despeito de*, das conjunções *consoante*, *conforme*, *segundo*, *apenas*, *mal* e das locuções conjuntivas como *visto que*, *visto como*, *uma vez que*, *posto que* (...). (p. 120)

No entanto, como faz questão de ressaltar a autora,

A intervenção da pragmática na consideração do processo de gramaticalização, defendida por Givón (1979, pp. 208-209), configura a visão do processo como uma reanálise não apenas do material lexical em material gramatical, mas também dos padrões discursivos em padrões gramaticais. A passagem se daria, dessa maneira, no sentido do discurso para a manifestação zero, passando sucessivamente pela sintaxe, pela morfologia e pela morfofonêmica. (p. 120)

Ampliando ainda mais os limites dos fenômenos reconhecidos como pertencentes ao paradigma da gramaticalização, surgiram abordagens em que não há sequer a exigência do material lexical como ponto de partida do processo:

Heine *et al.* (1991) abrigam sob o termo *gramaticalização* tanto o percurso de um morfema do estatuto lexical para o gramatical, como o percurso do estatuto menos gramatical para o mais gramatical. Do mesmo modo, Lichtenberk (1991, p. 38) afirma que o fenômeno abriga não apenas a evolução de um morfema lexical para um morfema gramatical, como também a aquisição de novas propriedades por um elemento já gramatical. Ainda Hopper (1991, p. 17-35), rejeitando a noção de uma gramática estável, diz que todas as partes da gramática estão sempre sofrendo mudanças, e, por isso, os fenômenos gramaticais em geral podem ser pensados como envolvidos na gramaticalização. (NEVES, p. 120-121)

Vamos aqui adotar a noção mais abrangente de gramaticalização, tomando como suporte a definição de Heine *et al.* (1991), para quem a gramaticalização pode ser interpretada como o resultado de um processo que tem como principal meta a solução de um problema: “encontrar meios para falar de coisas menos concretas, menos imediatas, menos visíveis, menos tocáveis” (VOTRE, 1992, p. 119). Heine *et al.* (1991, p. 150) dizem que, na solução desse problema, conceitos mais concretos são utilizados na descrição de fenômenos menos concretos, de acordo com o que eles chamam de *principle of the exploration of old means for novel functions*. Heine *et al.* postulam ainda que a gramaticalização opera princi-

palmente por mecanismos de metáfora e que o processo de mudança metafórico é contínuo, e não discreto.

Contudo, segundo Martelotta *et al.* (1996),

Não há, na literatura referente ao assunto, um total consenso em relação aos mecanismos que veiculam o processo de gramaticalização. Heine *et alii* (1991), por exemplo, falam em transferência metafórica. Lehmann (1991) aponta a importância da analogia no processo, sobretudo, como influenciadora do modo como ele vai se alastrando na língua.

Já em Hopper e Traugott (1993) vê-se uma tendência de considerar a transferência metonímica, e não a metafórica, e a reanálise, e não a analogia, os mecanismos que predominam maciçamente na mudança por gramaticalização. E Givón (1995), ao analisar o grau de integração entre cláusulas, cita o processo de reanálise. (p. 53)

Para Martelotta *et al.* (1996), com quem concordamos, não é adequado diminuir a importância da metáfora no processo. Segundo eles, a gramaticalização ocorre tanto por mecanismos de natureza metafórica quanto de natureza metonímica:

A metáfora constitui um processo unidirecional de abstratização crescente, pelo qual conceitos que estão próximos da experiência humana são utilizados para expressar aquilo que é mais abstrato e, conseqüentemente, mais difícil de ser definido. A metonímia diz respeito aos processos de mudança por contigüidade, no sentido de que são gerados no contexto sintático. (p. 54)

Um exemplo muito comum de gramaticalização via processo metafórico são as mudanças que fazem o percurso ESPAÇO > (TEMPO) > TEXTO, em que elementos designativos de espaço passariam a ser usados como organizadores do universo discursivo, podendo, num estágio intermediário, expressar noção temporal.

Já, em relação aos processos metonímicos, Martelotta *et alii* 1996 explicam ser necessário esclarecer-se que:

Tradicionalmente o termo metonímia é usado para designar mudanças por contigüidade no mundo extralingüístico. Com essa acepção, a metonímia constitui um processo que, nas palavras de Dubois *et al.* (1978), ocorre quando “uma noção é designada por um termo diferente do que seria necessário, sendo as duas noções ligadas por uma relação de causa e efeito (a colheita pode designar o produto da colheita e não a própria ação de colher), por uma relação de matéria a objeto ou de continente a conteúdo (beber um copo), por uma relação da parte ao todo (uma vela no horizonte)”. (p. 56)

No que se refere ao paradigma da gramaticalização, porém, o termo metonímia relaciona-se a uma contigüidade posicional ou sintática, sendo empregado para designar um tipo de mudança a que se submete determinada forma em função do contexto lingüístico-pragmático em que está sendo utilizada. Ou seja, a

mudança não ocorre apenas com a forma em si, mas com toda a construção em que está inserida. Um dos mecanismos ligados ao processo metonímico é o da reanálise. Martelotta *et al.* (1996) definem a reanálise como:

um mecanismo que atua no eixo sintagmático, caracterizando-se por uma reorganização da estrutura do enunciado, e uma reinterpretação dos elementos que o compõem. É o que ocorre, por exemplo, com o elemento **that** em inglês, que, de pronome catafórico, passa a conectivo (exemplo nosso):

Ex 7: I Said **that**: John is coming. > I said **that** John is coming.

Nesse caso ocorreram dois fenômenos ao mesmo tempo. Por um lado, o elemento **that** passou a ligar-se à segunda cláusula e, por outro, passou a desempenhar a função de conectivo. (p. 57)

Resumindo, de acordo com a definição de gramaticalização aqui adotada, podemos dizer que um item lexical ou uma construção sintática se gramaticaliza quando, ao ser freqüentemente empregado(a) em nova função, passa a assumir um novo *status* como elemento gramatical, tendendo a se tornar mais regular e mais previsível, de acordo com motivações pragmáticas e de repetição de uso.

São atribuídos ao paradigma da gramaticalização os seguintes fenômenos:

- a trajetória de itens lexicais de valor semântico X para valor semântico Y;
- a trajetória de itens lexicais de uma categoria léxica X para uma categoria léxica Y;
- a trajetória de elementos lingüísticos em condição menos gramatical para uma condição mais gramatical;
- a trajetória de elementos lingüísticos do léxico à gramática;
- a trajetória de elementos lingüísticos de uma condição mais referencial para uma condição menos referencial.

Nas nossas considerações acerca da questão em pauta, tomaremos também como apoio o trabalho de Givón (1979), em que, embasado em evidências oriundas da aquisição da linguagem, da passagem de pidgins para crioulos e dos estudos diacrônicos, o autor promove a intervenção da pragmática na consideração da gramaticalização, configurando a visão desse processo como reanálise não só do material lexical em material gramatical, mas também dos padrões discursivos em padrões gramaticais.

Unidirecionalidade, diacronia, sincronia e pancronia

Para Neves (1997), “a unidirecionalidade da gramaticalização é tida como uma característica básica do processo, partindo-se do princípio de que uma mudança que se dá numa direção específica não pode ser revertida” (p. 121).

Traugott e Heine (1991), Heine *et al.* (1991) e Heine (1991), entre outros,

também consideram ser a gramaticalização um processo de mudança unidirecional. Heine *et al.* (1991a) chegam a propor uma escala para explicitar o rumo desse processo que se movimentaria em direção a uma abstração crescente:

PESSOA > OBJETO > ATIVIDADE > ESPAÇO > TEMPO > QUALIDADE

Hopper & Traugott (1993) também fazem referência à escala apresentada, destacando seu caráter gradual e translingüístico:

From the point of view of change, forms do not shift abruptly from one category to another, but go through a series of gradual transitions, transitions that tend to be similar in type across languages. For example, a lexical noun like *back* that expresses a body part comes to stand for a spatial relationship in *in/at the back of*, and is susceptible to becoming an adverb, and perhaps eventually a preposition and even a case affix. Forms comparable to *back of (the house)* in English recur all over the world in different languages. (p. 6)

Para o caso particular de elementos argumentativos, a escala proposta por Heine *et al.* (1991) é a seguinte: ESPAÇO > (TEMPO) > TEXTO. Segundo eles, esta escala também representa um processo unidirecional que parte do [+ concreto] para o [+ abstrato]: elementos designativos de espaço [+ concreto] passariam a ser usados como organizadores do universo discursivo [- concreto], podendo, num estágio intermediário, expressar noção temporal.

Martelotta e Areas (2003), no entanto, assinalam a existência de estudos que se contrapõem à atuação do princípio da unidirecionalidade:

(...) pesquisas em gramaticalização têm demonstrado que, ao lado de fenômenos que mudam com o tempo, existem determinados aspectos que parecem manter-se ao longo da trajetória das línguas. Em outras palavras, há um conjunto de processos de mudança que atuam com relativa regularidade sobre os elementos lingüísticos, estendendo-lhes o sentido. De uma perspectiva histórica, esses processos podem dar a impressão de uma seqüência de mudanças ocorridas no tempo; de uma perspectiva sincrônica, o que se observa é um conjunto de polissemias coexistindo. (p. 27)

Hopper & Traugott (1993) já haviam apontado duas perspectivas, a histórica e a sincrônica, para o estudo da gramaticalização (em seu trabalho, os autores optam pela combinação das duas perspectivas, enfatizando, porém, a dimensão histórica):

Grammaticalizations has been studied from two perspectives. One of these is historical, investigating the sources of grammatical forms and typical pathways of change that affect them. From this perspective, grammaticalization is usually thought of as that subset of linguistic changes through which a lexical item in certain uses becomes a grammatical item, or through which a grammatical item becomes more grammatical. The other perspective is more synchronic, seeing grammaticalization as primarily a syntactic discourse pragmatic phenomenon, to be studied from the points of view of fluid patterns of language use. (p. 2)

Neves (1997), discorrendo sobre as divergências no seio dos estudos da gramaticalização, diz que a primeira delas relaciona-se justamente à avaliação do campo primário no qual o fenômeno se enquadra: “diacronia ou sincronia?”. E introduz, na discussão, uma outra posição:

Uma posição pancrônica, como diz Burridge (1993), referindo-se a Lichtenberk (1991), acentua a interdependência entre o sistema lingüístico e o uso, e entre a natureza fluida da gramática e a importância da história para a compreensão da gramática sincrônica; ou, como ainda diz Burridge (*op. cit.*) em referência a Nichols e Timberlake (1991), enfatiza “a natureza interativa das forças inovativas e idiomatizantes” (p. 144), rejeitando a noção de gramaticalização como um processo que vai para ossificação, ou idiomatização. (p. 118)

Mais adiante, a autora avalia que a questão “diacronia” *versus* “sincronia” está vinculada à questão “caráter gradual” *versus* “caráter instantâneo” da gramaticalização. Sobre o caráter gradual, ela diz o seguinte:

Se considerado do ponto de vista histórico, o processo é gradual: o que ocorre é que, embora se possa encontrar, num determinado momento, uma estrutura substituindo completamente outra, por um considerável período de tempo coexistem a forma nova e a velha, que entram em variação, sob diversas condições; e essa variação encontrada nada mais é do que o reflexo do caráter gradual da mudança lingüística. (p. 118)

Para se referir ao “caráter instantâneo” da gramaticalização, a autora se apóia em Givón (1991):

Explicando a gramaticalização vista na diacronia, Givón (1991, p. 122) mostra que uma construção pode desenvolver-se gradualmente no tempo: por exemplo, no caso dos verbos seriais, que ele estuda, orações independentes finitas podem chegar a uma gramaticalização plena, com passagem por estágios diversos. Do ponto de vista cognitivo, entretanto, segundo Givón (que se concentra, em particular, nas correlações entre “empacotamento” temporal e processamento da informação nessas construções com verbos seriais), a gramaticalização é um processo instantâneo, envolvendo um ato mental pelo qual uma relação de similaridade é reconhecida e explorada: por exemplo, pode-se dar a um item primitivamente lexical um uso gramatical, em um novo contexto; e no momento mesmo em que, num determinado esquema, um item lexical está sendo usado como marca gramatical, ele se gramaticaliza. (p. 119)

O princípio da unidirecionalidade em questão

Pesquisas realizadas por Oliveira (1997), Votre (1999 e 2000), Ferreira *et al.* (2000) e Ferreira (2003), a partir dos resultados obtidos, questionam a atuação do princípio da unidirecionalidade assim como o caráter gradual da gramaticalização. Em seu trabalho, Ferreira *et al.* (2000) afirmam:

A análise de ocorrências do verbo *poder* no português contemporâneo e no português do século XVI, bem como de *posse* no latim do século IIa.C, indica que, nas três sincronias, a configuração semântico-sintática do verbo é basicamente a mesma (...). (p. 87)

Com base em tais evidências, Ferreira *et al.* (2000), concluem:

Os dados não confirmam, portanto, a hipótese de anterioridade temporal de um sentido em relação ao outro. Por outro lado, a estabilidade e a continuidade semântico-sintática em sincronias tão distantes entre si é forte evidência da relação cognitiva entre as noções expressas pelo verbo, ou seja, de relações estáveis entre dimensões concretas e abstratas de caráter atemporal, existentes na mente dos falantes há pelo menos 22 séculos, e que se atualizam a cada momento, em cada enunciado. (p. 150)

Em trabalho mais recente, Ferreira (2003) cita sua pesquisa e pesquisas de outros autores, que compartilham a abordagem pancrônica e o pressuposto de que a estabilidade sintático-semântica dos itens analisados em diferentes sincronias está relacionada, assim como a mudança, a princípios gerais, de caráter atemporal, que refletem processos regulares e estáveis na mente dos falantes. Fazendo referência ao trabalho de Votre (2000), que contrastou os usos dos verbos *ver*, *achar*, *pensar* e *saber* em duas diferentes sincronias da língua portuguesa e no latim, a autora comenta ter Votre observado que as configurações sintático-semânticas de uso desses verbos no português estão intimamente relacionadas às configurações correspondentes no latim. Ou seja: o padrão geral que emerge da análise é regular e contínuo. A partir dessa constatação, segundo Ferreira, Votre (2000) propõe um princípio de extensão imagética instantânea, que não se desenvolve no curso do tempo:

a faculdade metafórica da linguagem opera de modo instantâneo, no sentido de que todas as virtualidades e potencialidades de sentido de um termo se tornam disponíveis na mente das pessoas que interagem na comunidade discursiva, ancoradas no contexto situacional de cada interação. (p. 72)

Ferreira (2003) conclui seu trabalho, defendendo a perspectiva pancrônica de estudos dos fatos lingüísticos – que “dá maior visibilidade aos aspectos relacionados à continuidade e à estabilidade” – e preconizando a necessidade de se reverem as hipóteses de trajetórias unidirecionais de desenvolvimento semântico-sintático:

Como evidenciado nos trabalhos aqui relatados, as hipóteses de trajetórias unidirecionais de desenvolvimento semântico-sintático precisam ser enfraquecidas, na medida em que, muitas vezes, configurações semântico-sintáticas supostamente “mais jovens” (porque mais abstratas) são observadas na sincronia mais remota, coexistindo ao lado de configurações mais concretas, que, por sua vez, permanecem desafiando todas as pressões históricas e culturais que poderiam ter levado ao seu desaparecimento ou mudança. Resta-nos então perguntar como isso acontece. (p. 87)

Ferreira sugere, então, que as explicações para os fenômenos relatados podem advir do princípio de extensão imagética instantânea postulado por Votre (2000).

Sob o nosso ponto de vista, as conclusões de tais pesquisas, realizadas no português contemporâneo e comparadas a sincronias mais distantes do português e do latim, são importantes na medida em que focalizam processos de mudança que atuam com relativa regularidade sobre os elementos lingüísticos, estendendo-lhes o sentido. No mais, entendemos que a presença, no latim, dos sentidos mais abstratos dos itens em estudo, ao lado de sentidos mais concretos que, por sua vez, foram preservados, sendo atestado o seu emprego no português contemporâneo, não desabilita a trajetória do [+ concreto] para o [+ abstrato], uma vez que não elimina a possibilidade de o percurso do [+ concreto] para o [+ abstrato] ter-se verificado em sincronias mais anteriores ainda àquelas investigadas pelos estudiosos em questão.

Paralelamente, apesar de considerarmos serem de vital importância os estudos que buscam explicitar a parte cognitiva da linguagem – e, por isso, vimos nos dedicando à leitura de trabalhos que se propõem a desvelar essa outra face da linguagem humana –, parece-nos que alguns dos postulados de cunho cognitivo, embora bastante plausíveis, são ainda muito fluidos, na medida em que não podem ser refutados nem comprovados, o que nos faz optar pela procura de explicações amparadas na observação do funcionamento da língua em condições reais de comunicação.

Assim sendo, mesmo não nos opondo diretamente a Givón (1991), para quem, do ponto de vista cognitivo, a gramaticalização é um processo instantâneo, envolvendo um ato mental pelo qual uma relação de similaridade é reconhecida e explorada, e/ou a Votre (2000), para quem a faculdade metafórica da linguagem opera de modo instantâneo uma vez que “todas as virtualidades e potencialidades de sentido de um termo se tornam disponíveis na mente das pessoas que interagem na comunidade discursiva, ancoradas no contexto situacional”, entendemos que a gramaticalização, se encarada como um fenômeno verificável nas línguas naturais, constitui um processo gradual e unidirecional. Este nosso entendimento toma como suporte, além de todos os estudos já realizados desde o século X, também uma pesquisa que desenvolvemos (ABRAÇADO & TEIXEIRA, 2003) sobre a aquisição de elementos dêiticos de espaço e de tempo, em que investigamos se, na fala infantil, observar-se-ia também a escala ESPAÇO > (TEMPO) > TEXTO postulada na teoria da gramaticalização como percurso percorrido por elementos argumentativos. Os resultados que encontramos, conforme comentaremos em seguida, além de confirmarem a observância deste percurso no processo de aquisição da dêixis, fornecem fortes evidências em favor do princípio da unidirecionalidade e do caráter gradual do processo de gramaticalização. Tais evi-

dências se baseiam em estudos anteriores (GIVÓN 1979, 1985; ABRAÇADO, 2003, entre outros) que demonstraram ser a aquisição da língua materna pela criança (L1) um processo gradual, que cumpre a trajetória do modo pragmático ao modo sintático de comunicação. De acordo com Givón (1979), no desenvolvimento desse processo, tópicos, tarefas e contextos vão se alargando do imediato para o menos imediato, do óbvio para o menos óbvio, do concreto para o mais abstrato. E, ainda que o modo sintático de comunicação seja adquirido, o modo pragmático não se perde, sendo mantido e utilizado quando exigido pelas circunstâncias. Para Givón, o tipo de comunicação usado pelos adultos em estágio inicial de aquisição de uma segunda língua (L2) é largamente pragmático, sendo as línguas pidgins, também, pragmaticamente dependentes. Ou seja, o modo pragmático de comunicação, presente nos processos de aquisição de L1 e L2 e também de pidginização, corresponderia a um modo embrionário, rudimentar, que nos acompanharia por toda a vida. A trajetória desse modo pragmático ao modo sintático de comunicação, verificada nos três processos referidos, estaria estreitamente relacionada a processos diacrônicos observados nas línguas do mundo, verificando-se, nessa trajetória, o obscurecimento gradual da iconicidade preponderantemente presente nos estágios iniciais.

AQUISIÇÃO DE ELEMENTOS DÊITICOS DE ESPAÇO E DE TEMPO E O PROCESSO DE GRAMATICALIZAÇÃO

Segundo Fonseca (1996),

Apesar de ter sido aplicada à descrição das línguas desde a Antiguidade (como termo metalingüístico, *dêixis* foi usado, pela primeira vez, pelos gramáticos gregos), só muito mais tarde a noção de dêixis passou a ocupar o lugar que hoje lhe é atribuído na teorização lingüística.

Numa primeira acepção – próxima do seu sentido etimológico – dêixis tem o sentido de *indigitação, moção*; usado no âmbito da descrição gramatical, o termo refere uma moção de caráter verbal, o <<gesto verbal>> de apontar, chamando a atenção, por exemplo, para um elemento do contexto evidente pela sua proximidade. (p. 438)

Contudo, o primeiro estudioso a atentar sobre a importância do fenômeno da dêixis no funcionamento da linguagem foi Karl Bühler (1934). Foi ele quem explicitou teoricamente duas fundamentais implicações do conceito de moção verbal: a de campo mostrativo e a de marco de referência egocêntrico.

Para Fonseca (1996),

A moção verbal de um objeto (...) corresponde à **localização** desse objeto no interior de um campo mostrativo que se desenha à volta de um <<centro>> (<<ori-

go>>, na expressão de Bühler) constituído pelo sujeito falante e pelas suas coordenadas espaço-temporais (<<ego-hic-nunc>>). Um campo mostrativo, note-se, que não é de natureza física mas lingüística, uma vez que só pode gerar-se a partir de um ato de fala. (p. 438)

Segundo Bühler (1979), utilizamos, na linguagem verbal, três tipos de campos mostrativos: o campo mostrativo situacional, o campo mostrativo textual e o campo mostrativo imaginário. Postulam-se, considerando-se os diferentes tipos de campos mostrativos, diferentes tipos de dêixis. A nós, em virtude dos objetivos específicos do estudo que realizamos, interessam somente os campos mostrativos situacional e textual, que serão retomados mais adiante.

Lyons (1979) define dêixis a partir da noção de enunciação. Para o autor, todo enunciado lingüístico se realiza num lugar particular e num tempo particular, sendo produzido por um falante e dirigido a, no mínimo, um ouvinte. Na realização do enunciado, ocorrem situações de localização e identificação de pessoas, objetos, eventos, processos e atividades das quais se fala ou se faz referência em relação ao contexto espaço-temporal criado e sustentado pelo ato do enunciado. Assim sendo,

A propriedade essencial da dêixis (...) é que ela determina a estrutura e a interpretação dos enunciados em relação à hora e ao lugar de sua ocorrência, à identidade do falante e do interlocutor, aos objetos e eventos, na situação real de enunciação. Por exemplo, o referente de ‘aquele homem lá’ só pode ser identificado com relação ao uso da expressão por alguém que se encontra em determinado lugar, em determinada ocasião. O mesmo se dá com ‘ontem’ e muitas outras expressões dêiticas. (LYONS, 1987, p. 163)

A exemplo de outros autores, a situação típica do enunciado é descrita por Lyons (1979) como “egocêntrica”. Ou seja, o papel do falante se transfere de um participante para o outro, mudando-se, assim, o centro do sistema dêítico, uma vez que o falante está sempre no centro da situação do enunciado.

A egocentricidade do ato de fala, no entanto, é contestada por Fonseca (1996):

Esta capacidade inerente à condição de todo falante de, ao dizer <<EU>>, instituir a sua própria existência, a de um <<TU>> e a da linguagem, que Benveniste designa como **subjetividade** (Benveniste, 1966, p. 260), coincide com a capacidade de processar a ancoragem enunciativa (referenciação às coordenadas da enunciação) que é uma operação cognitiva fundamental. Uma referenciação costuma ser designada como egocêntrica, o que esquece a inseparabilidade EU/TU no centro da instância enunciativa: ao instituir a possibilidade de uma referenciação centrada no ato de enunciação, a subjetividade implica necessariamente a **intersubjetividade**, indispensável à efetivação da comunicação e à possibilidade de referência. (p. 439-440)

Acatamos as considerações de Fonseca a respeito da intersubjetividade do ato da enunciação. Mas, em nosso entendimento, a intersubjetividade não altera o

pressuposto de que, num ato de fala, o falante se coloca no centro da situação, ou melhor, no ponto zero das coordenadas espaço-tempo da enunciação.

Antes de passarmos para a seção seguinte, julgamos ser relevante destacar dois aspectos, cruciais para nós, referentes ao estudo da dêixis. O primeiro deles é também ressaltado por Fonseca (1996):

O funcionamento dos dêiticos ilustra a dependência contextual das línguas no seu grau mais liminar, isto é, ao nível da incorporação e utilização significativa, pela linguagem, das próprias circunstâncias criadas pela realização de um ato verbal. Daqui resulta como característica definidora dos dêiticos, a *sui-referencialidade*: são signos que adquirem significação mediante a referência à sua própria enunciação: <<EU>> significa <<quem diz <<EU>>, no momento em que o diz>>. (p. 439)

O segundo aspecto relaciona-se com o primeiro e com a já mencionada intervenção da pragmática na consideração do processo de gramaticalização, defendida por Givón (1979) e que resultou numa visão do processo como uma reanálise não somente do material lexical em material gramatical, mas também dos padrões discursivos em padrões gramaticais: por sua própria natureza, muito provavelmente, os dêiticos de pessoa, espaço e tempo constituem o cerne desse percurso em que padrões discursivos passam a padrões gramaticais.

Aquisição da dêixis e o percurso ESPAÇO > (TEMPO) > TEXTO

Para demonstrar que o percurso ESPAÇO > (TEMPO) > TEXTO, proposto em estudos calcados no paradigma da gramaticalização, esboça-se já no processo de aquisição da linguagem, procedeu-se à coleta de dados na fala de 32 crianças, distribuídas em faixas etárias que variam de um ano e dois meses a cinco anos de idade.¹ A investigação pautou-se na busca e análise de elementos circunstanciais com valor semântico espacial e temporal, inseridos na categoria convencionalmente denominada dêixis.

Os dêiticos espaciais em geral são interpretados relativamente à localização do corpo e dos gestos dos participantes no ato de fala. Os pronomes demonstrativos (como *esse* e *aquela*) e certos advérbios (como *aqui* e *lá*) constituem exemplos típicos e mais comuns de dêixis de lugar.

¹ Visando preservar a espontaneidade e as informações relativas ao contexto situacional, adotamos os seguintes procedimentos: (1) As entrevistas foram gravadas em áudio e vídeo; (2) A criança sempre interagiu com um parente e com a entrevistadora, ou com um professor e/ou outra criança (no caso das entrevistas realizadas em creches); (3) Foram utilizados materiais de apoio, como: brinquedos não barulhentos (para não prejudicarem a qualidade do som), papel e lápis de cor (para atividades de desenho), e livros de histórias infantis (como estímulo para a criança criar novas histórias). Participaram da constituição do corpus os seguintes bolsistas de Iniciação Científica (UFF/Pibic): Maria Célia Cardoso de Lira, Aline Serpa Guerra e Alexandre Pires Alves Teixeira.

Conforme destaca Benveniste (1995, p. 280), esse tipo de dêixis acontece simultaneamente ao momento de fala, sendo dessa referência “que o demonstrativo tira seu caráter cada vez único e particular, que é a unidade da instância de discurso à qual se refere”. Em outras palavras, em função das próprias circunstâncias que envolvem o ato de enunciação, a dêixis de lugar sempre incorpora um elemento dêitico de tempo: o momento de fala, o que pode ter licenciado o pressuposto lingüístico acerca da universalidade da escala ESPAÇO > TEMPO.

A dêixis temporal, nas palavras de Fonseca (1996),

diz respeito à utilização do momento da enunciação (AGORA) como marco de referência para a localização temporal. O **tempo**, tal como o concebemos através da linguagem, é de natureza dêitica: **presente, passado e futuro** não são noções absolutas, são relativas ao momento de enunciação. A interpretação semântica de advérbios temporais como *hoje, ontem, amanhã*, ou de tempos verbais como *estou, estive, estarei*, pressupõe uma prévia identificação pragmática do momento de enunciação (...). (p. 443)

Segundo Lyons (1979), o tempo realiza na gramática a relação que existe entre o tempo da situação que é descrita e o ponto zero do contexto dêitico. Para ele, uma proposição que apresenta temporalidade gramatical é aquela que se refere a algum ponto ou período de tempo que só pode ser identificado em termos do ponto zero do enunciado.

É importante destacarmos que, segundo a literatura especializada em aquisição da linguagem, na fase inicial do processo aquisitivo, a criança tende a ter como referencial a si própria, o contexto situacional imediato (o aqui) e o tempo presente (agora). Ou seja: os estágios primeiros de aquisição parecem refletir, em sua essência, a situação canônica do ato de enunciação, em que o falante se coloca no centro da situação, no ponto zero das coordenadas de espaço-tempo.

Apresentamos, a seguir, exemplos de dêixis observadas na fala das crianças. Com fins meramente elucidativos, visando delinear mais claramente a trajetória em investigação, os elementos dêiticos de lugar e de tempo foram subdivididos em duas categorias, de acordo com a caracterização do campo mostrativo em que se deu sua ocorrência (o ponto zero do contexto dêitico):

- Dêixis de lugar: (I) campo mostrativo situacional e (II) campo mostrativo textual.
 - Dêixis de tempo: (I) campo mostrativo situacional e (II) campo mostrativo textual.
- 1) Dêixis de lugar (I): campo mostrativo situacional
(Criança (C) – 2 anos e 8 meses – e o Irmão (I); criança e irmão escolhendo livro de estória.).

I: *Vamos ver outro? Pega esse daqui...*

C: *Toma, vê esse daqui.*

I: *Tá bom! Deixa aqui que depois eu vejo.*

C: *Vo(u) vê esse aqui.*

2) Dêixis de lugar (II): campo mostrativo textual

(Criança (C) – 5 anos – e o Professor (P); criança contando estória para o professor.).

C: *... Mas no meio da floresta, morava lá um lobo que pergunto(u) a ela: — Onde que você vai? Onde que você vai? – respondeu o lobo com aquela voz grossa.*

3) Dêixis de tempo (I): campo mostrativo situacional

(Criança (C) – 3 anos e a avó (A); criança mexendo nas fitas de vídeo.).

A: *Ei, não tira não. Tira não.*

C: *Eu vo(u) bota(r) direitinho.*

A: *Não.*

C: *É achim, ó. Botei achim, ó. Tá direitinho (achim=assim).*

4) Dêixis de tempo II: campo mostrativo textual

(C – 3 anos e 6 meses e a avó (A); criança contando estória para avó e reproduzindo a fala dos personagens).

C: *A menina pediu socorro: “Me a... é... **abe** a porta ati, **abe** a porta ati”.*

A: *Abre a porta, por quê?*

C: *Pá ela entá (=entrar).*

Os resultados que encontramos (ABRAÇADO & TEIXEIRA, 2003) mostram que a criança adquire e opera, em primeiro lugar, com a noção de espaço relacionada ao campo mostrativo situacional (de um ano e quatro meses – um ano e seis meses), passando, posteriormente, a operar com a noção de tempo (um ano e oito meses – um ano e dez meses), também atrelada ao momento de fala que, neste caso, circunscreve-se também ao campo mostrativo situacional. Num terceiro estágio, a criança, alargando sua noção de contexto, já se mostra capaz de lidar lingüisticamente com o tempo no campo mostrativo textual, isto é, independente do campo mostrativo situacional (dois anos e dois meses – dois anos e quatro meses). No quarto e último estágio considerado, a criança, a exemplo do ocorrido com a noção de tempo, passa a utilizar a noção de espaço também inserida no campo mostrativo textual (três anos – três anos e seis meses).

Recapitulando, Givón (1979), discorrendo sobre a aquisição da língua materna pela criança, diz tratar-se de um processo gradual, que cumpre a trajetória do modo pragmático ao modo sintático de comunicação. No desenvolvimento desse processo, tópicos, tarefas e contextos vão se alargando do imediato para o menos imediato, do óbvio para o menos óbvio, do concreto para o mais abstrato.

Tomando como base esta e outras obras afins (GIVÓN, 1985; ABRAÇADO, 2003), consideramos que tais resultados nos indicam que:

1. Na passagem do campo mostrativo situacional para o textual, a criança já faz uso de elementos dêiticos de espaço e de tempo, o que poderia significar que, sob o ponto de vista cognitivo, ela estaria habilitada a lidar com essas duas noções. No entanto, de acordo com o que nos revelam os dados, a criança não opera simultaneamente com os dois tipos de dêixis no campo mostrativo textual: utiliza-se, primeiramente, da dêixis de tempo e, depois, da dêixis de espaço, fato que reforça ser gradual, pelo menos em termos de manifestação lingüística, o processo relativo à aquisição de elementos dêiticos de espaço e de tempo;
2. Ao contrário do preconizado pela escala ESPAÇO > TEMPO, também na passagem do campo mostrativo situacional para o campo mostrativo textual, observa-se uma inversão em relação à escala original: a criança usa primeiro a dêixis de tempo e somente em estágio mais avançado começa a utilizar a dêixis espacial. Porém, se vista por outro ângulo, tal inversão também reforça o caráter gradual da aquisição da linguagem. Isto porque passar da dêixis de tempo (campo mostrativo situacional) para a dêixis de espaço (campo mostrativo textual) implicaria descontinuidade: é mais contíguo e gradual passar de tempo para tempo (situacional > textual) do que de tempo (situacional) para espaço (textual) e, depois, novamente para tempo;
3. Devido ao seu caráter [+concreto], a passagem da dêixis espacial do campo mostrativo situacional para o campo mostrativo textual acontece em estágio mais avançado no processo de aquisição, indicando requerer, por parte da criança, maior desenvolvimento da capacidade de abstração e de manuseio lingüístico de tópicos, tarefas e contextos;
4. Se, em termos de abstração, as posições se invertem na passagem de um campo mostrativo para o outro, ou seja: se a noção de espaço no campo mostrativo textual é ainda mais abstrata do que a noção de tempo, concluímos que os resultados referentes à aquisição da dêixis também reforçam o princípio da unidirecionalidade previsto pela trajetória do [+concreto] para o [+abstrato].

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Discutimos aqui o postulado acerca da unidirecionalidade e do caráter gradual da mudança lingüística por gramaticalização. Vimos que a gramaticalização, além das perspectivas sincrônica, diacrônica e pancrônica, também pode ser encarada

sob as perspectivas: (a) do plano cognitivo (em que, segundo Givón (1991) e Votre (2000), verificar-se-ia de forma instantânea); e (b) de sua observância, em termos de fenômeno lingüístico, nas línguas naturais (em que, para a maioria dos estudiosos, constitui um processo de mudança gradual e unidirecional).

Apoiados em Givón (1979) que, embasado em evidências oriundas da aquisição da linguagem, da passagem de pidgins para crioulos e dos estudos diacrônicos, promove a intervenção da pragmática na consideração da gramaticalização (configurando a visão deste processo como reanálise não só do material lexical em material gramatical, mas também dos padrões discursivos em padrões gramaticais), introduzimos nesta discussão resultados obtidos em estudo anterior (ABRAÇADO & TEIXEIRA, 2003) sobre a aquisição de elementos dêiticos de espaço e tempo.

Considerando que os estágios primeiros de aquisição parecem refletir, em sua essência, a situação canônica do ato de enunciação, e considerando também que, devido à sua natureza predominantemente icônica, os referidos estágios constituem um campo propício à investigação de tendências e propriedades tidas como universais, entendemos que os resultados da pesquisa aqui relatados vêm se somar a outros tantos que reforçam o caráter gradual e unidirecional associados à trajetória do [+concreto] para o [+abstrato] nos processos de gramaticalização.

Todavia, verificamos que, na passagem do campo mostrativo situacional para o campo mostrativo textual, a criança opera primeiramente com a dêixis de tempo, começando a fazer uso da dêixis de espaço em estágio posterior, o que sugere ser a escala relativa à aquisição dos elementos dêiticos de espaço e de tempo assim delineada:

ESPAÇO >	TEMPO >	TEMPO >	ESPAÇO
Campo mostrativo situacional >		Campo mostrativo textual	

Tal achado pode ser um indício de que as escalas vinculadas ao processo de gramaticalização (tais como: ESPAÇO > (TEMPO) > TEXTO; PESSOA > OBJETO > ATIVIDADE > ESPAÇO > TEMPO > QUALIDADE; ou mesmo a que delineamos em relação à aquisição de elementos dêiticos de espaço e de tempo pela criança) devam ser vistas simplesmente como rotas preferenciais ou mais comuns de uma trajetória mais abrangente, do [+concreto] para o [+abstrato], que se faz observar tanto na aquisição da linguagem quanto nos processos de mudança por gramaticalização.

Abstract

Research on linguistic change, in the functionalist framework, is, in general, associated with grammaticalization. Grammaticalization tends to be considered as a gradual and unidirectional process. However, some recent researches have questioned the gradual and unidirectional character of grammaticalization. On the basis of results of previous work on children acquisition of spatial and temporal deixis, our study aims to present some evidence to support the unidirectional and gradual character of linguistic change by grammaticalization.

Key words: Linguistic change; Grammaticalization; Unidirectionality.

Referências

- ABRAÇADO, J. **Ordem de palavras: da linguagem infantil ao português coloquial**. Niterói: EdUFF, 2003.
- ABRAÇADO, J.; TEIXEIRA, A. P. A. Aquisição da dêixis e a trajetória ESPAÇO > TEMPO > TEXTO. In: **Cadernos de Letras da UFF**. Niterói: UFF/Instituto de Letras, 2003, p. 55-61.
- BENVENISTE, E. **Problemas de lingüística geral I**. Campinas: Pontes, 1995.
- BÜHLER, K. **Teoria del lenguaje**. Madrid: Alianza Editorial, [1934] 1979.
- BURRIDGE, K. Approaches to grammaticalization. Review Article. In: **Journal of Linguistics**. v. 29, n. 1, p. 167-173, 1993.
- DUBOIS, J.; GIACOMO, M.; GUESPIN, L.; MARCELLESI, J.; MEVEL, J. **Dicionário de lingüística**. São Paulo: Cultrix, 1978.
- FERREIRA, L. M. A.; CEZÁRIO, M. M.; OLIVEIRA, M. R. de; MARTELOTTA, M. E.; VOTRE, S. J. Uma abordagem pancrônica da sintaxe portuguesa. In: **Gragoatá**, n. 9, 2º sem. de 2000, p. 135-154.
- FERREIRA, L. M. A. Estabilidade e continuidade semântica e sintática. In: FURTADO DA CUNHA, M. A.; OLIVEIRA, M. R.; MARTELOTTA, M. E. (Org.). **Lingüística funcional: teoria e prática**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p. 73-87.
- FONSECA, F. I. Dêixis e pragmática lingüística. In: FARIA, I. H.; PEDRO, E. R.; GOUVEIA, C. A. M. (Org.). **Introdução à lingüística geral e portuguesa**. Lisboa: Editorial Caminho, 1996, p. 437-445.
- GIVÓN, T. From discourse to syntax: Grammar as a processing strategy. In: GIVÓN, T. (Ed.). **Syntax and Semantics**, v. 12: Discourse and syntax, 1979.
- GIVÓN, T. Function, Structure, and Language Acquisition. In: SLOBIN D. I. (Ed.). **The crosslinguistic study of language acquisition**. New Jersey, Lawrence Erlbaum Associates, Publishers, 1985, v. 2: Theoretical issues, p. 1.005-1.027.

GIVÓN, T. Serial verbs and the mental reality of “event”: grammatical vs. cognitive packaging. TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. (Ed.). **Approaches to grammaticalization**. Amsterdã: Benjamins, 1991, p. 81-127.

GIVÓN, T. **Functionalism and grammar**. Amsterdam, Benjamins, 1995.

HEINE, B.; CLAUDI, U.; HÜNNEMEYER, F. From Cognition to Grammar – Evidence from African Languages. In: TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. (Ed.). **Approaches to grammaticalization**. Amsterdã: Benjamins, 1991a, p. 149-187.

HEINE, B.; CLAUDI, U.; HÜNNEMEYER, F. **Grammaticalization: a conceptual framework**. Chicago: the University of Chicago Press, 1991b.

HOPPER, P. On some principles of grammaticalization. In: TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. (Ed.). **Approaches to grammaticalization**. Amsterdã: Benjamins, 1991, p. 17-35.

HOPPER, P.; TRAUGOTT, E. C. **Grammaticalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

LEHMANN, C. **Thoughts on grammaticalization: a programatic sketch**. Colonia: Arbeiten des Kölner Universalien – Projekts 48, 1982.

LICHTENBERG, F. On the Gradualness of Grammaticalization. In: TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. (Ed.). **Approaches to grammaticalization**. Amsterdã: Benjamins, 1991b, p. 37-80.

LYONS, J. **Lingua(gem) e Lingüística**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1987.

LYONS, J. **Introdução à lingüística teórica**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1979.

MARTELOTTA, M. E. A mudança lingüística. In: FURTADO DA CUNHA, M. A.; OLIVEIRA, M. R.; MARTELOTTA, M. E. (Org.). **Lingüística funcional: teoria e prática**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p.57-71.

MARTELOTTA, M. E.; AREAS, E. K. A visão funcionalista da linguagem no século XX. In: FURTADO DA CUNHA, M. A.; OLIVEIRA, M. R.; MARTELOTTA, M. E. (Org.). **Lingüística funcional: teoria e prática**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p. 17-28.

MARTELOTTA, M. E.; VOTRE, S. J.; CEZÁRIO, M. M. (Org.). O paradigma da gramaticalização. In: MARTELOTTA, M. E.; VOTRE, S. J.; CEZÁRIO, M. M. (Org.). **Gramaticalização do português do Brasil: uma abordagem funcional**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro/UFRJ, 1996. p. 45-75.

MEILLET, A. L´evolution des formes grammaticales. In: MEILLET, A. **Linguistique historique et linguistique générale**. Paris: Champion, 1912, p. 130-148.

NEVES, M. H. de M. **A gramática funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

NICHOLS, J; TIMBERLAKE, A. Grammaticalization as retextualization. In: TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. (Ed.). **Approaches to grammaticalization**. Amsterdã: Benjamins, 1991b, p. 129-146.

OLIVEIRA, L de A. B. **A trajetória da gramaticalização do onde: uma abordagem funcionalista**. Dissertação de Mestrado _ UFRN. Natal, 1997.

SANKOFF, G.; BROWN, P. The origins of syntax in discourse. In: **Language**, v. 52, n. 3, p. 631-666, 1976.

VOTRE, S. J. **Cognitive verbs in Portuguese and Latin: unidirectionality revisited**. Santa Barbara: Universidade da Califórnia, 1999. (mimeo)

VOTRE, S. J. A integração das objetivas diretas. In: **Cadernos do CNFL**, n. 2. Rio de Janeiro, UERJ, 2000, p. 71-87.

VOTRE, S. J. Um paradigma para a Lingüística Funcional. In: MARTELOTTA, M. E; VOTRE, S. J; CEZÁRIO, M. M. (Org.). **Gramaticalização do português do Brasil: uma abordagem funcional**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro/UFRJ, 1996, p. 27-44.

VOTRE, S. J. **Lingüística funcional: teoria e prática**. Rio de Janeiro: UFRJ, Departamento de Lingüística e Filologia, 1992. (mimeo)